ARTIGO

e75567

GALÁXIA
Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura

ISSN 1982-2553. Publicação Contínua.
São Paulo, v. 51, 2026, pp. 1-16.
dx.doi.org/10.1590/1982-2553202675567

Desinformação e mediação jornalística: análise dos elementos narrativos e das fontes do G1 sobre declarações de Jair Messias Bolsonaro na Pandemia

Disinformation and journalistic mediation: analysis of narrative elements and sources in G1 coverage of statements by Jair Messias Bolsonaro during the pandemic

CICILIA M. KROHLING PERUZZO

orcid.org/0000-0002-6384-8848

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Vitória (ES). Brasil.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Rio de Janeiro, (RJ), Brasil

THIAGO BORGES DA SILVA

orcid.org/0009-0000-1192-3730

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Vitória (ES). Brasil.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

GALÁXIA
Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura

ISSN 1982-2553. Publicação Contínua.
São Paulo, v. 51, 2026, pp. 1-16.
dx.doi.org/10.1590/1982-2553202675567

RESUMO:

O objetivo deste artigo é analisar como o portal de notícias G1, pertencente ao Grupo Globo, estruturou narrativas jornalísticas para aferir declarações do ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), relacionadas à pandemia de Covid-19. O percurso metodológico é constituído pelo estudo de caso único, conforme Yin (2001), com o apoio da análise de conteúdo (Bardin, 2002), a partir da definição de quatro categorias analíticas: desinformação, com base na tipologia proposta por Wardle e Derakhshan (2017); elementos jornalísticos, considerando as formulações de Lage (2008) acerca da estrutura da notícia e da organização narrativa; e fontes consultadas, também fundamentadas na classificação de Lage, além da avaliação da agência de checagem Fato ou Fake. Conclui-se que as declarações analisadas apresentam aproximações com conteúdos deliberadamente enganosos, e que as matérias do G1 recorrem à estrutura clássica da notícia, pela contextualização e mobilização de fontes institucionais, especializadas e documentais para qualificar a informação. Desse modo, evidencia-se o papel mediador do jornalismo na reordenação de declarações públicas à luz de critérios de verificação, contribuindo para a delimitação factual em um contexto de crise sanitária e intensa circulação de desinformação.

PALAVRAS-CHAVE:

Desinformação; Jornalismo;
Estrutura da notícia; Covid-19

ABSTRACT:

This article aims to analyze how the news portal G1, part of Grupo Globo, structured journalistic narratives to assess statements made by former President Jair Messias Bolsonaro (2019–2022) related to the Covid-19 pandemic. The methodological approach consists of a single case study, following Yin (2001), supported by content analysis (Bardin, 2002), based on four analytical categories: disinformation, grounded in the typology proposed by Wardle and Derakhshan (2017); journalistic elements, considering Lage's (2008) formulations regarding news structure and narrative organization; and sources consulted, also based on Lage's classification, in addition to the evaluation of the fact-checking agency Fato ou Fake. The findings indicate that the analyzed statements show similarities with deliberately misleading content, and that G1 articles rely on the classical structure of news reporting, through contextualization and the mobilization of institutional, expert, and documentary sources to qualify information. Thus, the mediating role of journalism is evidenced in the reordering of public statements according to verification criteria, contributing to factual delimitation in a context of a health crisis and intense circulation of disinformation.

KEYWORDS:

Disinformation; Journalism;
News Structure; Covid-19

GALÁXIA
Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o jornalismo e as formas de produzir e difundir conteúdos passaram por diversas mudanças, adaptações, cortes e formatos em virtude dos avanços da internet, da evolução da mídia tradicional e das novas redes sociais digitais, junto às novas formas de consumo de notícias pela sociedade. Esse contexto impõe desafios ao jornalismo de referência e promove outro advento: a perda do controle da narrativa, a queda na credibilidade jornalística e a proliferação de conteúdos alternativos, facilmente manipulados e encaminhados em direção ao movimento da desinformação, além de uma crise no modelo hegemônico da grande mídia (Ciaco, 2024, p. 83). Essa escalada já era alertada por Gleick (2013, p. 421): "quando novas tecnologias de informação alteram a paisagem existente, elas trazem perturbações: o equilíbrio entre criadores e consumidores é desfeito".

As transformações do jornalismo podem ser compreendidas à luz dos processos de midiatização da sociedade. Para Braga (2024), a midiatização não se restringe à presença ampliada dos meios de comunicação, mas corresponde a um "processo interacional de referência" (Braga, 2024, p. 11), isto é, um movimento em que as mediações sociotécnicas passam progressivamente a orientar as formas de organização das interações sociais.

Trata-se de uma processualidade ainda em curso, marcada pela reorganização das práticas comunicacionais e pela centralidade crescente dos circuitos midiáticos na construção da realidade social. Nessa perspectiva, a sociedade passa a estruturar seus modos de reconhecimento, legitimidade e disputa por meio de processos interacionais atravessados pela lógica midiática (Braga, 2024, p. 12). Assim, em ambientes digitais caracterizados pela circulação ampliada de conteúdos, pela concorrência narrativa e pela desinformação, o jornalismo deixa de atuar somente como transmissor de acontecimentos e passa a reafirmar seu lugar de mediador social ao mobilizar procedimentos de verificação e hierarquização.

Em meio à crise de credibilidade, à concorrência com discursos paralelos nas redes sociais digitais e à disputa por atenção, o jornalismo passou a explorar novos recursos expressivos e estruturais para reafirmar seu lugar como fonte confiável de informação. Os elementos constitutivos da notícia (como o lide, o título, o olho, o uso de imagens e os infográficos) tornaram-se instrumentos estratégicos de disputa. Como já observava Lage (2008), a notícia não consiste em narrar os acontecimentos, mas em expô-los segundo uma lógica de hierarquização dos fatos, priorizando o mais relevante. Trata-se, portanto, de construir uma narrativa capaz de comunicar com eficiência e captar a atenção de um público cada vez mais disperso.

A diversidade de formatos no jornalismo digital amplia as possibilidades, mas, segundo analisa D'Arcadia e Carvalho (2020, p. 533), foi tardiamente colonizada por profissionais. Por outro lado, a arquitetura noticiosa dos *websites*, como destaca Canavilhas (2006), é mais flexível, permitindo o uso de *hiperlinks*, recursos multimídia e estruturas abertas de navegação. Esses elementos funcionam como tentativas de credibilidade e entendimento, além de promoverem maior

ISSN 1982-2553. Publicação Contínua.
São Paulo, v. 51, 2026, pp. 1-16.
dx.doi.org/10.1590/1982-2553202675567.

GALÁXIA
Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura

transparência ao permitir o aprofundamento de temas por meio de conexões com outras produções, como estudos e fontes qualificadas.

Durante o período inicial da pandemia da Covid-19 (2019-2022[1]), no contexto de crescimento rápido dos casos de contaminação e de óbitos causados pela doença[2], de pouca informação científica disponível e de indisponibilidade de vacina, no Brasil, houve uma disputa de narrativas entre as que buscavam informar, evidenciar e orientar sobre os cuidados preventivos, a importância da vacina e demais questões acerca da doença, e outras que, intencionalmente ou não, colocaram em dúvida as informações oficiais, em especial, as descobertas que a ciência vinha desenvolvendo. Essas posições contrárias ajudaram a gerar um clima de incerteza, até porque a informação equivocada foi difundida até por autoridades, culminando numa situação de desinformação que a Organização Mundial da Saúde (2020) chegou a denominar de infodemia. Além de outros protagonistas da sociedade civil, a grande imprensa esmerou-se no trabalho informativo de qualidade. Entretanto, tanto nas cidades quanto nos rincões e periferias, o trabalho de conscientização e mobilizatório foi dificultado pela circulação de fake news e outros tipos de conteúdo falsos. No início da pandemia, esse trabalho foi ainda mais difícil diante das esparsas informações científicas e da tendência de determinados segmentos sociais a acreditarem nas falas de autoridades, no caso, do então presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, que presidiu o país de 2019 a 2022.

Diante do exposto, a pergunta que direciona esta pesquisa é: quais são os elementos narrativos e as fontes que o portal de notícias G1 utilizou para contrapor as declarações do ex-presidente durante o primeiro ano da Covid-19?

O objetivo central deste estudo é analisar como o portal de notícias G1 nacional, pertencente ao Grupo Globo, construiu narrativas jornalísticas para checar declarações do ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), a respeito da Covid-19. O objetivo específico é discutir como o jornalismo praticado pelo G1 recorreu a técnicas jornalísticas para credibilizar a notícia.

A metodologia, além da pesquisa bibliográfica narrativa, recorreu ao estudo de caso único (Yin, 2001) — o portal G1 — e à análise de conteúdo (Bardin, 2002) de matérias sobre a Covid-19 e vacinas checadas e publicadas pelo portal nos anos de 2020 e 2021, cujo detalhamento é feito mais adiante.

BREVES DEFINIÇÕES CONCEITUAIS

A expressão fake news foi popularizada durante a cobertura jornalística política da eleição presidencial de 2016 nos Estados Unidos. O termo foi usado na mídia pelo então candidato a presidente do país, Donald Trump, para desqualificar adversários, a imprensa e informações que considerava favoráveis à candidatura de opositores. No Brasil, a popularização do termo também chegou no período de eleições presidenciais, em 2018, quando a extrema direita, liderada pelo então candidato à presidência da República, Jair Messias Bolsonaro, explorou informações enganosas para atacar adversários e posicionar-se como alternativa às ideias taxadas de comunistas ou mesmo às progressistas-humanísticas no campo da política, da educação e dos costumes.

1 A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) referente à Covid-19 em 5 de maio de 2023.

2 No Brasil, foram registradas mais de 700 mil mortes decorrentes da doença Covid-19.

ISSN 1982-2553. Publicação Contínua.
São Paulo, v. 51, 2026, pp. 1-16.
dx.doi.org/10.1590/1982-2553202675567.

GALÁXIA
Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura

Mas afinal, o que é fake news? De acordo com Galhardi *et alii* (2020, p. 4203), o termo pode ser denominado como a produção e propagação massiva de notícias falsas, com o objetivo de distorcer fatos intencionalmente, de modo a atrair audiência, enganar, desinformar, induzir a erros, manipular a opinião pública, desprestigiar ou exaltar uma instituição ou pessoa, diante de um assunto específico, para obter vantagens econômicas e políticas. Mas, apesar de o termo ser usado de modo indiscriminado, ele não abarca outros tipos de conteúdos mentirosos, a exemplo de memes e publicações difamatórias.

Neste sentido, o uso da terminologia fake news acaba se tornando genérico, uma vez que essa estratégia não é utilizada apenas para reproduzir um modelo estabelecido de jornalismo de referência com objetivos de enganar, manipular ou distorcer fatos. Além disso, partimos da tradução literal da expressão para a reflexão: *fake*: falso e *news*: notícia, acreditando que nem todo conteúdo é notícia, mas espera-se que toda notícia seja verdadeira. Para Wardle e Derakhshan (2017), o termo fake news também é inadequado, pois não corresponde ao complexo fenômeno da produção, disseminação e consumo de conteúdo não-verdadeiro. Por outro lado, não se pode afirmar que, no âmbito da grande imprensa, dita profissional, não haja difusão de matérias enganosas e distorcidas segundo os interesses das próprias empresas de comunicação.

Os autores Wardle e Derakhshan (2017) propõem a classificação de acordo com o nível de falsidade do suposto fato e do dano do conteúdo, definindo assim três tipos de classificações dentro da desordem informacional: *misinformation* (informação incorreta), que define o compartilhamento de informação falsa, mas sem a intenção deliberada de causar danos; *disinformation* (desinformação), definida como a produção e disseminação intencional de informações falsas na intenção explícita de enganar, manipular ou causar prejuízos e indivíduos, grupos ou instituições; e *maliformation* (mal informação), definida como informação verdadeira, porém retirada de contexto, distorcida ou divulgada na intenção de prejudicar.

Sob a perspectiva do jornalismo de referência, torna-se necessário diferenciar e evidenciar a desinformação do que pode ser reconhecido como notícia, baseando-se em fontes de informação. Segundo Lage (2008), as fontes partem de três procedências: documentais, pessoais e institucionais. E podem variar entre: I) oficiais, oficiosas e independentes; II) primárias e secundárias; e III) testemunhas e experts. No entanto, as escolhas das fontes podem estar relacionadas a diversos fatores, como pautas, interesses por parte de quem faz a apuração ou por parte de decisões empresariais e posicionamentos da empresa de comunicação.

MEDIAÇÃO JORNALÍSTICA, MIDIATIZAÇÃO E CIRCULAÇÃO DISCURSIVA

A noção de mediação jornalística adotada neste estudo diferencia-se de práticas pontuais de checagem ou verificação factual. Embora a checagem constitua procedimento relevante no enfrentamento da desinformação, esse processo envolve uma operação mais ampla de organização discursiva, na qual o jornalismo

ISSN 1982-2553. Publicação Contínua.
São Paulo, v. 51, 2026, pp. 1-16.
dx.doi.org/10.1590/1982-2553202675567.

GALÁXIA
Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura

seleciona fontes, hierarquiza informações, produz enquadramentos e reinscreve enunciados em determinados regimes de inteligibilidade. Sendo assim, a atuação jornalística não se limita à validação do verdadeiro ou do falso, mas participa da disputa pela construção social dos sentidos acerca dos acontecimentos públicos.

Como mencionado anteriormente, a noção de "processo interacional de referência" proposta por Braga (2024, p. 10), indica que as práticas sociais passam progressivamente a se reorganizar em função das lógicas comunicacionais e midiáticas. Com isso, os processos midiáticos deixam de ocupar posição instrumental e passam a estruturar modos de interação social, circulação e construção da realidade compartilhada. Ou seja, a atuação jornalística não se limita à transmissão de informações, mas participa também da disputa pela definição legítima dos sentidos públicos.

Essa perspectiva aproxima-se das formulações de Verón (2014), para quem a midiatização corresponde à intensificação dos circuitos de circulação discursiva em sociedades complexas. O autor argumenta que os discursos não permanecem restritos aos seus espaços originais de produção, mas são circulados, reapropriados, reinterpretados e reenquadrados em diferentes ambientes midiáticos. Trazidas para o contexto das plataformas digitais, as declarações políticas passam a disputar sentidos em circuitos híbridos de circulação, marcados pela fragmentação dos públicos, pela amplificação algorítmica, pelos interesses sociais, políticos e econômicos dos donos das *big techs* e pela recontextualização permanente dos enunciados.

Com isso, a mediação jornalística pode ser compreendida como prática discursiva que opera na reorganização e reinscrição desses sentidos em circulação. Carvalho, Ferreira e Moura (2022) observam que a enunciação jornalística constitui espaço privilegiado de articulação entre estratégias discursivas, critérios de noticiabilidade e disputas de legitimidade, o que permite compreender como o jornalismo produz efeitos de verdade e autoridade em ambientes comunicacionais tensionados pela desinformação.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

O estudo partiu de pesquisa bibliográfica narrativa com a finalidade de identificar conceitos-chave para discutir a questão da desinformação, abordando especialmente a classificação e os níveis de desinformação de Wardle e Derakhshan (2017) e os elementos da teoria jornalística a partir das concepções propostas por Lage (2008).

A escolha por um estudo de caso único (Yin, 2001), o portal de notícias G1 do Grupo Globo, se justifica por ser o grupo de maior importância do País em termos de estrutura jornalística e alcance da audiência e, ainda, por dispor de uma agência de checagem própria, a *Fato ou Fake*, que vem atuando para verificar a veracidade ou não de notícias divulgadas. Assim sendo, é de interesse acadêmico entender como o portal G1 atuou no enfrentamento à desinformação e quais estratégias narrativas, critérios de seleção de fontes e procedimentos de verificação foram mobilizados na construção dessas matérias.

ISSN 1982-2553. Publicação Contínua.
São Paulo, v. 51, 2026, pp. 1-16.
dx.doi.org/10.1590/1982-2553202675567.

GALÁXIA
Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura

A análise de conteúdo, a partir de Bardin (2002), foi escolhida porque permite abarcar e identificar elementos, sua sistematização, posterior explicação e interpretação do conteúdo das mensagens. No entender da autora, com essa acepção, a análise de conteúdo pode ser um instrumento eficiente para realizar uma série de análises a respeito da origem das mensagens, como: quem as emitiu, em qual contexto foram produzidos os enunciados, a argumentação usada, além de possibilidades de inferência.

No presente estudo, a análise de conteúdo (Bardin, 2002) baseou-se em matérias checadas e publicadas pelo portal nos anos de 2020 e 2021, que foram confrontadas às falas do então presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, relacionadas à Covid-19. De todas as matérias publicadas pelo G1, foram selecionadas por amostragem intencional apenas aquelas que tinham como foco as temáticas: banalização da potência letal do vírus (nos primeiros meses de pandemia); vacina (após os movimentos em torno da compra, produção e vacinação da população em 2021); e promoção de tratamento precoce sem comprovação de eficácia (em 2021).

A definição do *corpus* foi orientada por uma estratégia de busca sistemática no portal G1, com base em descritores diretamente relacionados ao objeto de estudo e às categorias analíticas (Quadro 1) previamente estabelecidas. Foram utilizados termos como "Bolsonaro coronavírus", "Bolsonaro Covid", "tratamento precoce", "cloroquina", "vacina Covid Bolsonaro" e "fake vacina", combinados de modo a recuperar matérias que articulassem declarações do então presidente da República a conteúdos posteriormente verificados por instâncias jornalísticas. A busca foi realizada no próprio mecanismo interno do portal e, complementarmente, por meio de ferramentas de busca externas, com filtragem temporal delimitada aos anos de 2020 e 2021.

A partir dos dados obtidos, procedeu-se a uma triagem qualitativa, na qual foram selecionadas, por amostragem intencional, as matérias que apresentavam maior aderência às temáticas definidas na pesquisa: (i) a minimização da gravidade da pandemia nos momentos iniciais; (ii) a promoção de tratamentos sem eficácia comprovada; e (iii) as controvérsias em torno da vacinação contra a Covid-19. Como critério adicional, privilegiaram-se conteúdos que explicitamente confrontavam declarações presidenciais com evidências científicas, posicionamentos de autoridades sanitárias ou processos de verificação jornalística.

Com base nesse critério, foram selecionadas seis produções jornalísticas do G1 que traziam no título pelo menos uma dessas temáticas. Procurou-se também identificar as principais fontes selecionadas pelo G1 para contrapor as declarações percebidas como desinformação. A opção por um corpus reduzido e intencional se justifica pelo interesse na análise qualitativa aprofundada de unidades consideradas representativas de diferentes eixos narrativos recorrentes nas declarações do então presidente sobre a Covid-19, especialmente sobre enfoques cruciais na época, como a banalização da gravidade da doença, a defesa do tratamento precoce inexistente e a posição antivacina. Ainda que o número de matérias não permita inferências generalizantes, o conjunto analisado possibilita identificar padrões discursivos e estratégias recorrentes de enquadramento jornalístico diante de conteúdos desinformativos, considerando a recorrência temática e estrutural observada entre as unidades selecionadas.

ISSN 1982-2553. Publicação Contínua.
São Paulo, v. 51, 2026, pp. 1-16.
dx.doi.org/10.1590/1982-2553202675567.

GALÁXIA
Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura

Para a referida análise, foram criadas quatro categorias com base na classificação de Wardle e Derakhshan (2017) e nos conceitos e de Lage (2008), a saber: a) desinformação — subcategorias/níveis: *misinformation* (informação incorreta, informação falsa, mas divulgada sem a intenção deliberada de causar danos); *disinformation* (desinformação, quando a informação é falsa e difundida com intenção de enganar, manipular e causar prejuízos); *malinformation* (mal-informação, em livre tradução, trata-se de informação que pode ser verdadeira, mas é distorcida, retirada do contexto com a intenção de causar danos); b) elementos jornalísticos (estrutura da notícia, contextualização, narrativa e recursos gráficos), c) fontes consultadas (pessoais, documentais e institucionais, além de outras classificações como especialistas, testemunhas, secundárias e primárias usadas para contrapor à informação); checagem (se foi utilizado o serviço de verificação *Fato ou Fake*).

Com base nas temáticas antes referidas (banalização da potência letal do vírus nos primeiros meses da pandemia), vacina (produção, compra e vacinação da população em 2021), e promoção de tratamento precoce sem comprovação de eficácia em 2021, foram identificadas e selecionadas seis matérias jornalísticas produzidas pelo G1 que aferiram as declarações do ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, nos anos de 2020 e 2021. Cada uma dessas matérias foi considerada como unidade de análise (Bardin, 2002) para a devida classificação, cujo quadro segue abaixo.

Desta forma, com base no caso selecionado (G1), integram o *corpus* da pesquisa as seis unidades de análise (Yin, 2001), conforme demonstrado no quadro abaixo:

QUADRO 1.
Matérias e respectivas classificações.
Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

Temática, data e referência	**Título**	***Misi/ Disi/* ou *Malinformation***	**Elementos jornalísticos**	**Fontes**	**Fato ou Fake**
Letalidade do vírus, 9/03/2020, (G1, 2020)	Bolsonaro diz que 'poder destruidor' do coronavírus 'está sendo superdimensionado'	***Disinformation*** (desinformação)	Apresenta contraponto institucional; contextualização; narrativa breve e informativa	Pessoais; institucionais; documentais	Não
Letalidade do vírus, 2/06/2020, (G1, 2020)	'É o destino de todo mundo', afirma Bolsonaro após lamentar mortes por coronavírus	***Malinformation*** (mal-informação)	Narrativa cronológica; recuperação de falas e contraposição entre discursos e números oficiais;	Primária; institucional indireta; registro jornalístico presencial	Não
Tratamento precoce, 15/01/2021, (G1, 2021)	Bolsonaro insiste em 'tratamento precoce' contra Covid-19 mesmo sem comprovação; não há medicamentos para prevenir a doença, mostram estudos	***Disinformation*** (desinformação)	Contraposição com evidências científicas; contextualização; explicação; apresentação de estudos e consenso científico;	Especialista; estudos científicos; instituições; pesquisa nacional; observação jornalística	Não
Tratamento precoce, 21/09/2021, (G1, 2021)	ONU: Bolsonaro defende tratamento sem eficácia contra Covid-19; veja frases do discurso e o que se sabe	***Disinformation*** (desinformação)	Contraposição; narrativa explicativa com contextualização; organização em subtópicos.	Institucionais; documentais; oficiais; especialistas	Não

GALÁXIA
Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura

QUADRO 1 (cont.).
Matérias e respectivas classificações.
Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

Vacina, 22/01/2021, (Mazui; Pinheiro; Garcia, 2021)	Vacina 'não está comprovada cientificamente', diz Bolsonaro, contrariando o que disse a Anvisa e as provas obtidas por cientistas	***Disinformation*** (desinformação)	Imediata classificação como falsa; contraposição com dados; contextualização; uso de gráficos e vídeos	Institucionais; especialistas e documentais	Não
Vacina, 22/10/2021, (Domingos, 2021)	É #FAKE que relatórios do governo do Reino Unido sugerem que vacinados contra Covid têm desenvolvido Aids	***Disinformation*** (desinformação)	Classificação (#FAKE); checagem (boato, seguido de verificação e explicação); contextualização; narrativa explicativa	Institucionais; especialistas e documentais	Sim. A aferição foi publicada na editoria do Fato ou Fake

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como se pode observar no quadro acima, na primeira categoria analítica, desinformação (e suas subcategorias), compreendida a partir da análise das seis matérias checadas pelo G1, revela-se que cinco contêm falas que contrariavam evidências científicas consolidadas ou careciam de fundamentação empírica verificável. Diferentemente de conteúdos que operam por meio da combinação estratégica de elementos verdadeiros e enganosos, as afirmações checadas no corpus desta pesquisa foram classificadas como falsas por se oporem diretamente a dados técnicos, posicionamentos de autoridades sanitárias e resultados de estudos científicos reconhecidos. Nesse sentido, o enquadramento de cinco declarações é o de desinformação (*disinformation)*, sobretudo quando consideradas a recorrência das falas e sua circulação em contexto institucional. Ficando apenas a segunda aferição da tabela (letalidade do vírus, de 02/06/2020, G1, 2020) classificada como mal informação (*malinformation* - informação verdadeira, porém retirada de contexto, distorcida ou divulgada na intenção prejudicar), compreendendo se tratar de teor opinativo, mas com potencial de dano social ao minimizar a gravidade da enfermidade e a responsabilização pública durante um estado de crise sanitária.

Dessa forma, o que se observa nas matérias é a construção de uma narrativa estruturada a partir do destaque literal das declarações do então presidente, por meio do uso recorrente de aspas, o que delimita com precisão o enunciado submetido à verificação. Além disso, identifica-se a mobilização de dados estatísticos e a consulta a especialistas, médicos, órgãos oficiais e autoridades sanitárias, cujas manifestações são incorporadas ao texto com a finalidade de confrontar as declarações. Conforme destaca Lage (2006; 2008), o trabalho com fontes no jornalismo não se resume à coleta de declarações, mas envolve critérios de seleção, confronto e hierarquização, a partir dos quais determinadas vozes adquirem maior autoridade na construção da narrativa informativa. Nesse sentido, as matérias evidenciam um processo de validação que se apoia na predominância de fontes técnico-institucionais para qualificar ou refutar os enunciados verificados.

Entretanto, a atuação do G1 não pode ser compreendida apenas como um processo linear de correção da desinformação. As matérias analisadas demonstram que o jornalismo opera em um ambiente de circulação híbrida, no qual declarações políticas já chegam ao público amplificadas por redes sociais digitais,

ISSN 1982-2553. Publicação Contínua.
São Paulo, v. 51, 2026, pp. 1-16.
dx.doi.org/10.1590/1982-2553202675567.

GALÁXIA
Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura

transmissões ao vivo e dinâmicas algorítmicas de alta circulação. A própria reprodução das falas da autoridade, por exemplo, ainda que acompanhada de contrapontos técnicos e científicos, também contribui para reinscrever esses enunciados no fluxo informacional. A mediação jornalística, portanto, é atravessada por tensões: ao mesmo tempo em que busca desmentir ou contextualizar afirmações falsas, também participa da recirculação e amplificação no espaço público digital.

Além disso, esse processo não ocorre em condição neutra ou desvinculada de interesses estruturais (Sodré, 2021). O jornalismo de referência está inserido em um sistema midiático orientado por lógicas econômicas, concorrência por audiência, disputas políticas e critérios de visibilidade próprios do capitalismo informacional. Isso significa que, embora a imprensa exerça papel relevante na reconstrução factual e na circulação de informações verificadas, suas práticas também são atravessadas por condicionantes empresariais, institucionais e mercadológicas que definem os enquadramentos, a hierarquização e o modo de narrar os acontecimentos.

Voltando à unidade de análise "É #FAKE que relatórios do governo do Reino Unido sugerem que vacinados contra Covid-19 têm desenvolvido Aids" (Domingos, 2021), observa-se a circulação de mensagem que atribuía a documentos oficiais britânicos a suposta comprovação de que vacinados estariam desenvolvendo imunodeficiência. Diferentemente de conteúdos baseados em descontextualização parcial de dados, aqui trata-se de uma afirmação factualmente falsa, cuja origem remete a um site identificado por autoridades como propagador de teorias conspiratórias. A publicação ganhou maior alcance ao ser mencionada em transmissão ao vivo pelo então presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, ampliando a visibilidade da desinformação em território digital.

A estratégia de checagem adotada pelo G1 se estrutura na contraposição entre a alegação viralizada e o posicionamento de fontes oficiais e especialistas da área da saúde. O Departamento de Saúde e Assistência Social do Reino Unido, a Agência de Segurança de Saúde britânica e pesquisadores brasileiros são mobilizados como instâncias de autoridade para refutar tecnicamente o conteúdo da mensagem da unidade seis. A contestação não se limita à negação da afirmação, mas detalha inconsistências metodológicas, equívocos conceituais e impossibilidades científicas presentes no texto viral. A própria agência de checagem do Grupo Globo — Fato ou #Fake — foi utilizada apenas uma vez nas aferições analisadas.

Observa-se que a construção de narrativas políticas em contextos de crise sanitária também pode operar por meio da produção de antagonismos e da fabricação de inimigos simbólicos, como demonstrado na unidade um (G1, 2020). Ao se afirmar que o "poder destruidor" do coronavírus estaria sendo "superdimensionado", possivelmente por "questões econômicas", Jair Messias Bolsonaro desloca o eixo da discussão do campo epidemiológico para o campo da suspeita, produzindo efeitos de deslegitimação das instituições científicas. Essa estratégia não exige a negação direta da doença, mas sugere a existência de interesses difusos responsáveis por potencializar os efeitos, ativando desconfianças já presentes no tecido social. Como observa Umberto Eco (2011),

ISSN 1982-2553. Publicação Contínua.
São Paulo, v. 51, 2026, pp. 1-16.
dx.doi.org/10.1590/1982-2553202675567.

a construção de um inimigo constitui expediente recorrente na organização discursiva da política, operando como mecanismo de coesão identitária. Esse procedimento se articula à produção de fronteiras antagônicas entre um "nós" e "eles", ainda que este último permaneça indeterminado (Laclau, 2005).

A cobertura jornalística assume posição delicada, uma vez que a contestação factual não elimina integralmente os efeitos produzidos pelo discurso político, pois, ainda que se preze pela integridade da informação, encontra-se dentro da dinâmica neoliberal (Sodré, 2021), que se move por interesses econômicos e posições políticas. Por outro lado, ainda que o G1 mobilize fontes científicas e dados empíricos para contextualizar as declarações, a lógica de circulação digital favorece a permanência de enquadramentos emocionais e interpretativos anteriores, muitas vezes mais aderentes às dinâmicas de compartilhamento em plataformas, marcando os limites do próprio tratamento jornalístico em ambientes informacionais afetados pela velocidade, algoritmos, fragmentação discursiva e disputa contínua por atenção.

No que se refere aos elementos jornalísticos, observamos a variação significativa entre as unidades analisadas. Nas matérias que noticiam declarações presidenciais (como aquelas sobre o "superdimensionamento" do vírus ou a afirmação de que a morte seria "destino de todo mundo"), predomina a estrutura clássica da notícia, com lide centrado na fala do ex-chefe do Executivo e posterior inserção de contextualização. Já nas unidades de análise relativas ao tratamento precoce, à defesa de medicamentos sem eficácia e às vacinas, é possível verificar alteração na hierarquização informativa: o título e o lide passam a incorporar a contestação científica, reorganizando o enquadramento narrativo. No caso específico da matéria identificada como #FAKE, aferição atribuída ao serviço de checagem do Grupo Globo, Fato ou #Fake, os recursos gráficos e a estrutura textual evidenciam a adoção de um modelo de verificação, em que a refutação constitui o eixo central da narrativa. Tais diferenças indicam a coexistência de formatos informativos e explicativos no tratamento jornalístico da pandemia, conforme as categorias estruturais descritas por Lage (2006).

Na unidade de análise referente ao discurso na 76ª Assembleia Geral da ONU (G1, 2021), é possível observar a reorganização dos elementos jornalísticos. O título já articula a declaração presidencial à qualificação factual — tratamento sem eficácia — e anuncia movimento explicativo: veja frases do discurso e o que se sabe, sinalizando ao leitor que a matéria ultrapassará a mera reprodução da fala. Conforme as concepções de estrutura e hierarquização propostas por Lage (2006), a notícia se organiza segundo critérios de relevância informativa. Neste caso, a hierarquia desloca-se: a declaração do ex-presidente constitui o ponto de partida, mas é imediatamente enquadrada por contrapontos científicos e institucionais. A segmentação em intertítulos (Tratamento sem eficácia, Passaporte sanitário, Vacinação) estrutura a narrativa de modo modular e explicativo, incorporando múltiplas fontes técnicas (Organização Mundial da Saúde, Associação Médica Brasileira, Sociedade Brasileira de Infectologia, Conselho Federal de Medicina) e dados empíricos, de modo a evidenciar a adoção de um modelo informativo-explicativo, no qual a contextualização assume papel central na circulação pública do discurso político.

ISSN 1982-2553. Publicação Contínua.
São Paulo, v. 51, 2026, pp. 1-16.
dx.doi.org/10.1590/1982-2553202675567.

GALÁXIA
Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura

A matéria "Vacina 'não está comprovada cientificamente', diz Bolsonaro, contrariando o que disse a Anvisa e as provas obtidas por cientistas" (Mazui; Pinheiro; Garcia, 2021) evidencia a mobilização ampla e diversificada de tipologias, conforme a classificação proposta por Lage (2008). A matéria parte da fonte pessoal primária, mas rapidamente a insere em rede de validação composta por fontes institucionais, documentais e especialistas vinculados a universidades públicas. Essa pluralidade não se apresenta de forma meramente ilustrativa, ela estrutura o argumento jornalístico. A contestação da afirmação do então presidente não é realizada por juízo editorial, mas por meio da articulação entre decisão regulatória, evidência empírica e interpretação técnica qualificada. Desse modo, a credibilidade do texto é construída pela convergência de fontes independentes e hierarquicamente legitimadas no campo científico.

Ainda assim, a centralidade atribuída às fontes técnico-científicas também revela a dependência e, ao mesmo tempo, a busca de credibilidade pelo jornalismo em relação a instituições reconhecidas socialmente como detentoras de autoridade credível. A validação factual das matérias apoia-se fortemente em organismos regulatórios, universidades e autoridades sanitárias, o que reforça a credibilidade da cobertura, mas também mostra que o jornalismo atua menos como produtor autônomo da "verdade" e mais como mediador entre diferentes campos institucionais de autoridade. Em cenários de polarização política e desconfiança institucional, essa dependência pode se converter em alvo de contestação por grupos que rejeitam consensos científicos e desacreditam instituições tradicionais, apesar de seu caráter anticívico.

Observa-se, portanto, que a estratégia narrativa do portal G1 não se sustenta apenas na organização estrutural da notícia, mas na composição das fontes e na disposição de elementos gráficos do jornalismo. À medida que as declarações tensionam consensos científicos, amplia-se o repertório de fontes mobilizadas, deslocando a matéria do registro declaratório para um modelo de verificação sustentado por autoridade técnica e institucional.

A análise das quatro categorias: desinformação e as três subcategorias, elementos jornalísticos, fontes consultadas e checagem, permite observar que o tratamento das declarações do ex-presidente pelo G1 não se dá de forma homogênea. Há variação na estrutura narrativa, na hierarquização informativa e na densidade das fontes acionadas, indicando um deslocamento progressivo do modelo informativo clássico para formatos explicativos e verificadores. Nesse processo, a arquitetura textual e a diversidade tipológica de fontes atuam como mecanismos de construção informativa, reintroduzindo parâmetros técnicos e científicos no debate público.

As matérias analisadas na amostra evidenciam o esforço do jornalismo em disputar sentidos sobre a realidade sanitária em circulação na época da pandemia da Covid-19. O tratamento entre o fato ou sua versão falsa dado pelo portal G1 ocorre, portanto, em um ambiente marcado por disputas de legitimidade, fragmentação da autoridade informativa e competição com circuitos alternativos de produção de sentido. Assim, os resultados sugerem que o jornalismo de referência permanece relevante na organização do debate público, embora sua capacidade de estabilizar consensos factuais encontre limites nas dinâmicas atuais de circulação da informação.

ISSN 1982-2553. Publicação Contínua.
São Paulo, v. 51, 2026, pp. 1-16.
dx.doi.org/10.1590/1982-2553202675567.

GALÁXIA
Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o tratamento conferido pelo G1 a declarações do ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), relacionadas à pandemia de Covid-19. O exame das seis unidades de análise permitiu observar como o portal estruturou declarações com argumentos que conferem legitimidade, ao consultar documentos e fontes especializadas, e de que modo mobilizou recursos jornalísticos para enquadrar afirmações que tensionavam evidências científicas consolidadas.

No que se refere à desinformação, foi possível verificar que parte significativa das declarações analisadas se aproxima de padrões identificados, especialmente no que concerne à circulação de conteúdos deliberadamente enganosos, havendo predominância da classificação de desinformação (*disinformation* — produção e disseminação intencional de informações falsas na intenção explícita de enganar, manipular ou causar prejuízos e indivíduos, grupos ou instituições), e uma aferição atribuída a mal informação (*malinformation* — informação que pode ser verdadeira, mas é distorcida, retirada do contexto com a intenção de causar danos), por se tratar de teor opinativo do emissor, o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, mas com potencial de dano a sociedade, ainda que a intencionalidade não constitua objeto direto desta pesquisa. Afirmações relacionadas ao chamado tratamento precoce, à suposta ineficácia das vacinas ou à associação entre imunização e desenvolvimento de outras doenças configuram enunciados que distorcem evidências científicas. As matérias do G1, por sua vez, ainda que apenas uma matéria conste com sinalização como checada pelo *Fato ou Fake*, as demais atuam no sentido de reclassificar esses conteúdos, explicitando a inadequação factual e inserindo-os em molduras informativas sustentadas por dados verificáveis.

Quanto aos elementos jornalísticos, a análise evidenciou variações estruturais relevantes entre as unidades examinadas. Em consonância com Lage (2006), observou-se a presença da estrutura clássica da notícia, com lide informativo e organização em pirâmide invertida, sobretudo nas matérias centradas na repercussão imediata de declarações. Em outros casos, especialmente quando o conteúdo envolvia afirmações contrárias ao consenso científico, observou-se maior densidade explicativa, com ampliação da contextualização, inserção de dados técnicos, intertítulos organizadores e recursos gráficos. A arquitetura textual opera, assim, como instrumento de enquadramento, conferindo hierarquia às informações e delimitando o enquadramento interpretativo do leitor.

No que diz respeito às fontes consultadas, houve mobilização consistente de diferentes tipologias descritas por Lage (2008). As declarações presidenciais aparecem como fontes primárias diretas, enquanto a contestação ou contextualização das afirmações é sustentada por fontes institucionais, como a Anvisa, a OMS e organismos internacionais, especialistas vinculados a universidades e centros de pesquisa, além de documentos técnicos e estudos científicos. A pluralidade de fontes não cumpre função meramente formal de equilíbrio, mas estrutura o processo de validação informativa. A construção da notícia revela articulação entre fontes oficiais, técnicas e documentais, reforçando critérios de autoridade e credibilidade no tratamento das controvérsias.

ISSN 1982-2553. Publicação Contínua.
São Paulo, v. 51, 2026, pp. 1-16.
dx.doi.org/10.1590/1982-2553202675567.

GALÁXIA
Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura

A articulação entre as quatro categorias analíticas permite afirmar que o G1 desempenhou papel ativo na qualificação informacional das declarações analisadas. Quando confrontado com conteúdo que se aproxima de padrões de desinformação, o portal mobilizou recursos estruturais e especialistas para reinscrever essas falas em um regime de verificação e contextualização. O enfrentamento da desinformação, nesse sentido, não se dá por meio de juízos opinativos, mas pela aplicação de procedimentos jornalísticos clássicos: organização hierárquica da informação, contextualização e diversificação de fontes.

Contudo, os resultados também indicam que a atuação jornalística encontra limites em ambientes digitais caracterizados pela circulação acelerada de conteúdos, pela amplificação algorítmica e pela fragmentação da autoridade informativa. Embora o G1 mobilize procedimentos de checagem e validação técnica, a dinâmica atual da comunicação em rede dificulta a estabilização de consensos factuais, uma vez que os conteúdos desinformativos continuam circulando simultaneamente em outros circuitos de visibilidade. Desse modo, a dinâmica jornalística não elimina disputas narrativas, mas passa a operar com credibilidade como uma entre múltiplas instâncias concorrentes de produção de sentido no espaço público digital.

Cumpre ressaltar que os resultados dizem respeito ao *corpus* delimitado e ao período específico analisado. Não se pretende generalizar conclusões para a totalidade da cobertura jornalística sobre a pandemia, mas oferecer contribuição analítica situada acerca da atuação de um portal de grande alcance em um contexto de intensa disputa informacional. Ao evidenciar como desinformação, organização discursiva e tipologia de fontes se articulam na construção das matérias, esta pesquisa reforça a centralidade das práticas jornalísticas na organização do debate público em situações de crise sanitária. A mediação exercida pelo jornalismo de referência se revela decisiva para a delimitação do estatuto factual de declarações políticas e para a sustentação de parâmetros informativos ancorados em evidências científicas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

Bolsonaro diz que "poder destruidor" do coronavírus "está sendo superdimensionado". G1, Bem-estar, 9 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/09/bolsonaro-diz-que-poder-destruidor-do-coronavirus-esta-sendo-superdimensionado.ghtml> Acesso em 16 de mar. 2026.

Bolsonaro insiste em "tratamento precoce" contra Covid-19 mesmo sem comprovação; não há medicamentos para prevenir a doença, mostram estudos. G1, Bem-estar, 15 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/15/bolsonaro-insiste-em-tratamento-precoce-sem-comprovacao-contra-a-covid-estudos-mostram-que-nao-ha-prevencao-contra-a-doenca-com-ajuda-de-medicamentos.ghtml> Acesso em 16 de mar. 2026.

Braga, J. L. **Mediatização como processo interacional de referência**. Animus. Revista Interamericana De Comunicação Midiática, v. 5, n. 2. 2024 https://doi.org/10.5902/2175497790408

GALÁXIA
Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo:** Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. 2006.

CARVALHO, Claudiane de Oliveira; FERREIRA, Giovandro Marcus; MOURA, Clarissa Viana de Matos. **Mediatização e enunciação jornalística**: reflexões epistemo-metodológicas sobre a articulação entre abordagens quantitativa e qualitativa (AC e AD). Comunicação & Informação, Goiânia, Goiás, v. 25, p. 741–762, 2022. DOI: 10.5216/ci.v25.67488. Disponível em: https://revistas.ufg.br/ci/article/view/67488. Acesso em: 21 maio. 2026.

CIACO, João. **O espelho de narciso**: consumo da informação no mundo digital. Centro de pesquisa sociossemióticas. São Paulo. ESPM. Acta Semiótica, 2024.

D'ARCADIA, João G. da C. F. S.; CARVALHO, Juliano M. de. **As novas territorialidades da informação e o não-lugar da notícia**. Omun. Mídiaconsumo, São Paulo, v. 17, n. 50, p. 522-535, Set./Dez. 2020.

DOMINGOS, Roney. **É #FAKE que relatórios do governo do Reino Unido sugerem que vacinados contra Covid têm desenvolvido Aids**. G1, Fato ou Fake, 22 out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/10/22/e-fake-que-relatorios-do-governo-do-reino-unido-sugerem-que-vacinados-contra-covid-tem-desenvolvido-aids.ghtml> Acesso em 16 de mar. 2026.

"É o destino de todo mundo", afirma Bolsonaro após lamentar mortes por coronavírus. G1, Política, 2 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/02/e-o-destino-de-todo-mundo-afirma-bolsonaro-apos-lamentar-mortes-por-coronavirus.ghtml> Acesso em 16 de mar. 2026.

ECO, Umberto. **Construir o inimigo e outros escritos ocasionais**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GALHARDI, Cláudia P. et al. **Fato ou Fake?** Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. Revista Ciência & Saúde Coletiva, v. 25 (Supl.2): 4201-4210, 2020, Rio de Janeiro.

GLEICK, James. **A informação**: uma história, uma teoria, uma enxurrada. São Paulo. Companhia das Letras, 2013.

LACLAU, Ernesto**. On populist reason**. London: Verso, 2005.

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. São Paulo: Record, 2008.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2006.

MAZUI, Guilherme; PINHEIRO, Lara; GARCIA, Mariana. **Vacina "não está comprovada cientificamente", diz Bolsonaro, contrariando o que disse a Anvisa e as provas obtidas por cientistas**. G1, Política, 22 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/22/vacina-nao-esta-comprovada-cientificamente-diz-bolsonaro-contrariando-o-que-disse-a-anvisa-e-as-provas-obtidas-por-cientistas.ghtml>.

SODRÉ, Muniz. **A sociedade incivil**. Mídia, iliberalismo e finança. Petrópolis: Vozes, 2021.

ONU: Bolsonaro defende tratamento sem eficácia contra Covid-19; veja frases do discurso e o que se sabe. G1, Coronavírus, 21 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/09/21/onu-bolsonaro-defende-tratamento-sem-eficacia-contra-covid-19-veja-frases-do-discurso-e-o-que-se-sabe.ghtml> Acesso em: 16 de mar. 2026.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Managing the COVID-19 infodemic**: promoting healthy behaviours and mitigating the harm from misinformation and disinformation. Genebra: World Health Organization, 2020.

ISSN 1982-2553. Publicação Contínua.
São Paulo, v. 51, 2026, pp. 1-16.
dx.doi.org/10.1590/1982-2553202675567.

GALÁXIA
Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura

Recebido em:
16/03/2026
Aprovado em:
26/05/2026

Disponibilidade de dados de pesquisa:

Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do documento.

Editores responsáveis:

- Adriana Teixeira
- Fábio Fonseca de Castro
- Maurício Ribeiro da Silva
- Norval Baitello

VERÓN, Eliseo. **Teoria da midiatização**: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. MATRIZes, v. 8, n. 1, p. 13-19,2014. https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p13-19

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **InformationDisorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. [s.l]: Council of Europe, 2017.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e método. 2.ed. Porto Alegre-RS: Bookman, 2001.

CICILIA M. KROHLING PERUZZO

é professora visitante colaboradora dos PPGs em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal do Espírito Santo. Doutora em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Pós-doutorado no Centro de Investigações Interdisciplinares em Ciencias y Humanidades (CEIICH) da Universidade Autônoma do México. Publicou livros autorais, coletâneas organizadas em parceria, capítulos de livros em obras nacionais e internacionais, e artigos em diversos periódicos também nacionais e internacionais. É pesquisadora em produtividade em pesquisa-PQ/CNPq. Coordena o Núcleo de Estudos em Comunicação Popular e Comunitária (Comuni).

kperuzzo@uol.com.br

THIAGO BORGES DA SILVA

é mestrando em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) por meio do Programa de Capacitação de Recursos Humanos na Pós-Graduação (PROCAP). Possui graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Faesa Centro Universitário. Também é pós-graduando em Política e Sociedade pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

thborges.tb@gmail.com

CONTRIBUIÇÕES DE CADA AUTOR:

Cicilia M. Krohling Peruzzo foi responsável pela supervisão do projeto de pesquisa, complementação da revisão conceitual e edição. Thiago Borges foi responsável pela fundamentação teórica e conceituação, curadoria de dados, escrita, primeira redação, metodologia, investigação, constituição e análise formal do *corpus*, construção dos quadros.